

# *Editorial*

---

## Época de Desafios

Vivemos o início de um novo século. De um novo milênio que, dando continuidade ao que presenciamos nas décadas finais do século XX, continua marcado pela transitoriedade; pelo permanente questionamento, conseqüência das céleres mudanças; pela acentuada e crescente violência; pela derrocada de antigos valores; pela incerteza de rumos; pela fragilidade de limites.

Tudo isto vem acontecendo com uma rapidez cada vez mais intensa diante de nossos olhos atônitos e perplexos.

Vivemos uma época de desafios permanentes.

Hoje, como nos últimos anos do século passado, tem-se a sensação de que apressadas correntes de ar se deslocam, que ventos se encontram em vários pontos do globo terrestre, formando um vendaval que, com episódicos momentos de calma, atinge o planeta azul em que vivemos e a humanidade que nele habita.

Diante desse vendaval, o homem maduro é muito mais resistente à turbulência, porque vem de uma época mais tranqüila, onde lhe foi permitido conhecer, entender, aceitar, rejeitar, assimilar conceitos, valores que se constituíram em fontes de equilíbrio e referência, permitindo-lhe ter a sensação de maior resistência e segurança.

E o jovem diante desse vendaval? Sem sólidas referências, despreparado de modo geral para discernir o bem do mal; sem o amparo seguro e orientador da família, confuso diante de tantas transformações, algumas que o assustam, seduzido por tantas inovações, sem um ponto de equilíbrio referencial oferecido pela estabilidade da família e pela responsabilidade da escola, ele não é um espectador do vendaval. Ele está dentro do turbilhão e se sente inseguro.

O vendaval que marca nossos dias é responsável por levar a sociedade a um permanente questionamento em relação às leis, instituições, costumes e valores. Some-se a isso a intenção declarada por alguns e sentida por outros de reconhecê-los superados, defasados, falidos.

Essa visão divide opiniões, perturba sobretudo os jovens, incentiva os céticos e exacerba os pessimistas; mas, brotando deste solo conturbado, ainda viceja o otimismo, ainda há os que crêem e lutam por um mundo melhor, onde a paz seja restabelecida, em que a solidariedade seja moeda corrente, em que as famílias e as escolas – espaços privilegiados – desempenhem, com consciência e sabedoria, sua intranferível missão.

Diante desse quadro de tempestade faz-se necessário construir a bonança. Para isto é preciso, no plano teórico, tratar a educação como processo social dinâmico; no plano operacional, levar a escola a facilitar e a promover o desenvolvimento social equilibrado, oferecendo às crianças e jovens os recursos que lhes permitam viver, conviver e sobreviver ao vendaval.

Se a função e a missão da família e da escola foram sempre importantes, muito mais o são agora, quando vivemos fustigados pelo vendaval que assola a humanidade, tirando-lhe rumos, objetivos, perspectivas, amplos horizontes que permitam descortinar a paz.

É nesse vendaval que se agiganta o papel do educador, que não se deixa perder nesse redemoinho nem nessas encruzilhadas de tantos caminhos, nem fica desnorteado diante da diversidade de valores, assumindo com equilíbrio e sabedoria seu papel de despertador de consciências, de incentivador de ideais, de cultivador de sonhos e esperanças, porque, diante das intempéries, procura manter intacta sua crença numa sociedade mais justa e fraterna.

Ouçamos Carl Rogers e sejamos otimistas como ele: "Em nossa cultura decomposta, vemos os vagos esboços de um desenvolvimento, de uma revolução, de uma cultura de tipo marcadamente diverso. Vejo essa revolução vindo, não num grande movimento organizado, não num exército armado e com bandeiras, não em manifestações e declarações, mas através de um novo tipo de pessoa, brotando em meio às folhas e galhos agonizantes, amarelecidos e putrefatos de nossas instituições em extinção".

Carlos Alberto Serpa de Oliveira

---